

Nilzabete dos Santos Oliveira
Dra. Zoraide Portela da Silva Cunha

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PARA O ENSINO DE NARRATIVAS DE REEXISTÊNCIAS E
NARRATIVAS PERIFÉRICAS





UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH-VI
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS

Ficha catalográfica

SEQUÊNCIA Didática

PARA O ENSINO DE NARRATIVAS DE REEXISTÊNCIAS E
NARRATIVAS PERIFÉRICAS

Produto Educacional: Sequência didática para o ensino de narrativas de reexistências e narrativas periféricas, resultante da dissertação de mestrado intitulada Reexistências Periféricas nas Narrativas de Cidinha da Silva e Férrez, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino.

Orientadora: Professora Dra. Zoraide Portela da Silva Cunha.

Linha de Pesquisa: Ensino, Linguagens e Identidade.

Nilzabete dos Santos Oliveira
Dra. Zoraide Portela da Silva Cunha

Origem do produto: Dissertação intitulada Reexistências Periféricas nas Narrativas de Cidinha da Silva e Férrez.

Nível de ensino a que se destina o produto: Educação básica/educação de Jovens do 9º ano.

Área de conhecimento: Educação.

Público alvo: Professores (as), alunos (as) da Educação Básica.

Categoria deste produto: Oficinas de formação de alunos (as) da rede de ensino municipal.

Finalidade: Promoção de sequência didática com dinâmicas de grupo para os sujeitos matriculados na educação básica em escolas do Município de Caetité-BA, auxiliando na contextualização de respostas às questões de reexistências a fim de minimizar as violências diversas na sociedade.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito da autoria do produto, não sendo permitido o uso comercial por terceiros.

Divulgação: Meio digital.

Instituição financiadora: FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

Design Gráfico: MaximusDesigner

Idioma: Português

Cidade: Caetité

UF: Bahia

País: Brasil

FICHA TÉCNICA

The background of the page is an aerial photograph of a densely populated hillside neighborhood, likely a favela. The buildings are multi-story and packed closely together, with various colors like orange, yellow, and white. The terrain is steep, and the sky is clear and blue. The text 'FICHA TÉCNICA' is overlaid in large, white, stylized letters across the middle of the image.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo da obra *Parem de nos matar* (2016) de Cidinha da Silva e *Ninguém é inocente em São Paulo* (2006) de Ferréz. A proposta dessa pesquisa foi operacionalizar com os alunos do 9º ano da Escola Municipal Manuel Lopes Teixeira de Caetité-BA um trabalho de pesquisa-ação com a associação dos contos do nosso corpus, tendo como base a problematização das Narrativas de Reexistências e Periféricas integradas por Cidinha da Silva e Ferréz e, assim, questionar a noção de Literatura Marginal/Periférica. Partindo da confecção de uma sequência didática para o ensino das não violências na educação básica, com realização de três formações, pretende-se colaborar para a elevação de estudos e práticas de respeito, justiça e valorização de obras ainda invisibilizadas na sociedade e proporcionar ao alunado momentos de aprendizagens capazes de atenuar as violências sistêmicas no âmbito do município de Caetité. O estudo está embasado nos fundamentos teóricos de Maldonado Torres (2007), Sueli Carneiro (2005), Joaze Bernadino Costa (2016), Érica Nascimento (2006), Patrícia Hill Collins (2016), bell hooks (1995), Nelson Maldonado Torres (2016), Gayatri Chakravorty Spivak (2018) e também se orienta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental - Língua Portuguesa (BRASIL, 1998). Esta pesquisa adota como método investigativo a pesquisa-ação crítica discutida por Thiollent (1996), Diniz-Pereira (2002), Franco (2005) e desenvolve, através da sequência didática (SD) baseada em Schneuwly e Dolz (2004), uma proposta de intervenção pedagógica que proporcione aos estudantes envolvidos na pesquisa os conhecimentos literários capazes de ajudá-los no desenvolvimento da leitura e da produção de textos. Por esse viés, esperamos lançar um novo olhar para a questão e contribuir para os estudos das literaturas que sofreram práticas de invisibilidade em circuitos culturais e literários, refletindo sobre a importância dessas cartografias em relação à perspectiva teórica de culturas híbridas, as quais não hierarquizam culturas.

PALAVRAS-CHAVE: literatura marginal/periférica; reexistência; identidade; representação; ensino; cultura.

ABSTRACT

This work aims to accomplish a study of the work *Stop Killing Us* (2016) by Cidinha da Silva and *Nobody is Innocent in São Paulo* (2006) by Ferréz. The purpose of this research was to operationalize with the 9th grade students of the Manuel Lopes Teixeira Municipal School in Caetité-BA an action-research work with the association of tales from our corpus, based on the problematization of Reexistence and Peripheral Narratives integrated by Cidinha da Silva and Ferréz and, thus, questioning the notion of Marginal / Peripheral Literature. Starting from the creation of a didactic sequence to the teaching of non-violence in basic education, with three training courses, it is intended to contribute to the elevation of studies and practices of respect, justice and appreciation of works that are still invisible in society and provide students with learning moments capable of mitigating such systemic violence within the municipality of Caetité. The study is based on the theoretical foundations of Maldonado Torres (2007), Sueli Carneiro (2005), Joaze Bernadino Costa (2016), Érica Nascimento (2006), Patrícia Hill Collins (2016), bell hooks (1995), Nelson Maldonado Torres (2016), Gayatri Chakravorty Spivak (2018) and is also guided by the National Curriculum Parameters for Elementary Education - Portuguese Language (BRASIL, 1998). This research adopts as investigative method the critical action research discussed by Thiollent (1996), Diniz-Pereira (2002), Franco (2005) and developed, through the didactic sequence (SD) based on Schneuwly and Dolz (2004), a proposal of pedagogical intervention that provides knowledge in research with literary knowledge capable of helping them in the development of reading and the production of texts. For this reason, we hope to take a new look at the issue and contribute to the studies of literatures that have suffered invisible practices in cultural and literary circuits, reflecting on the importance of these cartographies in relation to the theoretical perspective of hybrid cultures, as those which do not rank cultures.

KEYWORDS: marginal / peripheral literature; reexistence; identity; representation; teaching; culture.

QUEM É ELA?

Nilzabete dos Santos Oliveira nasceu em Brumado, município do semiárido baiano, região Nordeste do país, em 1981. Professora, Licenciada em Letras com Habilitação em Português e Literatura de Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado da Bahia - Brumado (2013). Pedagoga, pela FACIIP (2019). Especialista em Leituras: Memórias, Linguagens e Formação Docente, promovido pela UNEB-Caetité (2014). Especialista em Literatura Brasileira: Formação do Cânone e Contrapontos Críticos, pela UNEB de Brumado (2017) Mestranda em Ensino, Linguagem e Sociedade, pelo PPGELS, UNEB - Caetité. Possui experiência no ensino na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e em Pedagogia. Escreve artigos, poesias e narrativas para sites e páginas. Publicou artigo em livro: Literatura em Tempos de Crise – Leitura, Rotas e Imaginários, pela EDUNEB (2020), artigo no livro: MAMBU-Educação para as relações étnico-raciais, organizado pela Revista África e Africanidades (2021). Recebeu Menção Honrosa, em reconhecimento à produção científica “Ferréz e Sérgio Vaz: Literatura Periférica Contemporânea como possibilidade para formação Leitora”, pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB campus VI (2019). É Militante do Movimento internacional ALMAA (Ação dentro do Mundo para América Latina e África), do Coletivo Feminino Mahura, Leituras subversivas (Grupo de Estudos CNPq), tem interesse em Letras, Literatura, Formação Leitora, Educação e Ensino. Possui conhecimentos e experiência na área de Ensino, Letras, Pedagogia, Formação Docente, Literatura Brasileira, e em formação leitora.

Mulher da periferia não existe igual! Dedico o presente trabalho a todas as autoras negras da periferia, que produzem boa literatura, apesar de todos os entraves e enfrentamentos, e que acreditam ser possível construir um país melhor para viver. Para as Mulheres guerreiras, que com a garra de Dandara avançam com determinação e insistente valentia. Para essas mulheres negras geradoras de potencialidades.

Amizade verdadeira é o combustível que nos leva aos destinos mais bonitos da vida. Gratidão Dr. Elizeu Pinheiro da Cruz, por sua amizade sincera!

“O papel que atribuo a mim, e não estendo a outros profissionais da crônica, é o de ler e narrar o tempo em que vivo de maneira crítica, sagaz, amorosa, humorada, sempre destacando o que me interessa e recriando aquilo que a criação me move a fazer. Me interessa muito empregar a lupa das africanidades e das relações de gênero para ampliar os sentidos do mundo”.

(Cidinha da Silva, 2017)

DEDICATÓRIA

A presente sequência didática originou-se da pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, Caetité-BA. Este produto didático se baseia em uma proposta pedagógica com atividades e dinâmicas, que tem por meta instrumentalizar, na elaboração de roteiros de aprendizagem, de forma autônoma, docentes da educação Básica, em Caetité-BA.

A ideia deste caderno é auxiliá-lo, de forma prática e consistente, na problematização das Narrativas de Reexistências e Periféricas integradas por Cidinha da Silva e Ferréz e, assim, questionar a noção de Literatura Marginal/Periférica. Partindo da confecção de ações para o ensino das não violências na educação básica, com realização de três formações, pretende-se colaborar para a elevação de estudos e práticas de respeito, justiça e valorização de obras ainda invisibilizadas na sociedade e proporcionar ao alunado momentos de aprendizagens capazes de atenuar as violências sistêmicas e promoção de reexistências no âmbito do município de Caetité. Este material, para o ensino de narrativas de reexistências e narrativas periféricas, possui dinâmicas que trabalham três eixos temáticos: Literatura Contemporânea Periférica (as narrativas literárias); A periferia é nossa (saraus nos bares); Cidinha da Silva e Ferréz (trajetórias e obras).

Em decorrência do contexto pandêmico mundial por conta da COVID-19, esse produto passou por alterações e remarcações. Dentro da nova conjuntura, ele foi estruturado para a realização de oficinas para o corpo docente do Município de Caetité em formato remoto. Assim, o produto da dissertação, Sequência didática para o ensino de narrativas de reexistências e narrativas periféricas, poderá ser realizado na Instituição Educacional formal.

Por compreendermos a dinâmica e peculiaridade do PPGELS e atendendo às orientações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que exigem a elaboração e o desenvolvimento de um produto educativo e sua aplicação prática na educação formal e/ou informal como requisito parcial para obtenção do título de mestrado profissional, construímos um produto didático e a descrição de como ele poderá ser executado por meio de atividades para o ensino de narrativas de reexistências e narrativas periféricas, desejando que ele possa, de fato, contribuir para a pesquisa, por meio de uma prática educativa de ruptura formal.

Na “terra” em que se pretende continuar mostrando a harmonia do consenso dentro das instituições e em outros espaços sociais, problematizar a literatura marginal/periférica, que tem o importante papel de revelar a verdadeira face da hegemônica epistêmica e seus efeitos práticos de apagamento de outras, por exemplo, as afrocentradas, já se trata de uma prática pedagógica engajada. Isso porque as mudanças passam primeiro pela transformação do pensamento e em seguida pela postura decolonial, seja no coletivo ou no individual, na educação formal ou informal.

Se conseguirmos incitar o debate, subverter a ordem pelo dissenso, colocando em pauta os nefastos resquícios sociais do projeto da colonialidade, o nosso papel de educador será alcançado nos conduzindo aos processos libertários. Apresentamos o roteiro de estudo e reflexão para o ensino de narrativas de reexistências e narrativas periféricas, desejando que ele possa contribuir para a pesquisa por meio de uma prática educativa de ruptura formal juntamente com a pedagogia engajada e transgressora. O que será libertador também para nós, os da margem (mulheres, negros e negras, gays, pobres), que em toda a vida tivemos negada a possibilidade de intervir com os nossos e no comum território, de ajudá-los a reexistir e de estar nesse espaço enxergando as nuances, que se desmontam na astúcia e nos nossos direitos, a começar pelos principais: a visibilidade e a existência.

Este material contém propostas, que podem inspirar formas diferentes de trabalhar os conteúdos de leitura literária com os alunos. A partir das sugestões das oficinas aqui expostas, há uma infinidade de outras atividades, que podem ser acrescidas dentro de cada tema, pois o conhecimento não se esgota nas atividades sugeridas, existem muitas possibilidades de mediação da temática. Portanto, aproveite as propostas aqui citadas, as quais são destinadas a você professor da rede municipal de ensino da cidade de Caetité-BA.

Professor(a)

SUMÁRIO

1. Introdução

14

2. Conversa com professores (as)

18

3. Sequência I- *Literatura Contemporânea Periférica (as narrativas literárias)*

22

4. Sequência II - *A periferia é nossa (saraus nos bares)*

28

5. Sequência III - *Cidinha da Silva e Ferréz*

32

6. Referências

40

INTRODUÇÃO

Nossa cultura é acentuada no processo educacional eurocêntrico, que valoriza exclusivamente a cultura branca em detrimento das diversas culturas afro e indígena. Desse modo, notamos o distanciamento entre o ensino e seu público alvo, e é justamente isso que precisa ser desconstruído para que nosso aluno afro-brasileiro possa ver sua pertença e perceber sua riqueza cultural. A clientela das instituições educacionais é formada pelos discentes da periferia que trazem, para dentro dos “muros” da escola, distintas culturas e realidades. A escola seleciona subsídios educacionais, pensando a formação do aluno. Nessa escolha, são acionadas noções de valor, que são legitimadas pelas ideologias dominantes. Assim, nem sempre aquilo que é tido como melhor e de maior valor é de fato, pois

o fator de escolha passa pelo caráter ideológico a partir dos valores socioculturais de quem seleciona.

No entanto, essa clientela não vê suas culturas contempladas no currículo e, por essa razão, não tem sua importância ressaltada. Isso acontece porque a escola não se posiciona pela prática pedagógica crítica, de que fala bell hooks (2013). Uma pedagogia que se distinguiria pela posicionalidade, que “procura transformar a consciência, proporcionar aos

alunos modos de saber que lhes permitam conhecer-se melhor e viver mais plenamente no mundo” (hooks, 2013, p. 262), seria uma pedagogia engajada e transgressora, com mediações apaixonadas, e que parte do que o aluno tem a oferecer.

Então, ser um educador decolonial passa pelo direito ao currículo e pela postura não mantenedora de imobilidades sociais. Na prática educacional decolonial, é fundamental discutir as relações étnico-raciais, um desafio para os educadores de nosso país, porque a tendência é evitar discutir as temáticas, como racismo, preconceito e as discriminações na sala de aula, mesmo estando lidando com discentes plurais. Sem discussão, a instituição educacional acaba neutralizando e fortalecendo práticas discriminatórias e de anulação dos sujeitos.

Por outro lado, movimentos para fortalecer o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena têm crescido no país, o que é de fundamental importância para a construção de uma sociedade igualitária, em que não haja mais postura curricular de silêncio pedagógico que viabiliza e fortalece, na prática, o racismo. Assim, observa-se a relevância de se apresentar autores com trabalhos intelectuais e com ativismo social, que possibilitem pensar a sociedade por meio do projeto decolonial.

A decolonialidade se apresenta no enfrentamento de toda herança colonial, de toda a engenharia institucional econômica, política, no campo cultural e epistemológico. O movimento é, para além das teorias, também de afirmação dos sujeitos e dos territórios, das comunidades historicamente

negadas. Nilma Lino Gomes (2013), no artigo Diversidade e currículo diz que é fundamental romper com a postura indiferente, frente à diversidade curricular, porque significa seguir negando e silenciando as variedades existentes na instituição escolar. Para a autora, hoje existe nas escolas uma abertura em relação às diversidades, que se traduz nas práticas pedagógicas para mudar a instituição escolar pública em um sistema de ensino democrático e inclusivo. Contudo, esse movimento para a sensibilidade não surge por acaso, pois precisou de uma atuação anterior dos movimentos sociais, em especial do Movimento Negro, que possui uma longa trajetória de luta pelo direito às diversidades. Esses momentos emblemáticos de processos de lutas foram fundamentais para hoje estarmos falando sobre essas temáticas.

Desse movimento de luta é que surge a Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e inclui em todos os estabelecimentos oficiais de ensino do país a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica e superior. A intenção é colocar no centro da discussão questões de identidade, ancestralidade, cultura e resistência, possibilitando outros olhares para o processo histórico de nossas culturas.

Essa lei também vem para desmontar a lógica da existência do Estado-nação, coeso e igualitário, que tem desdobramentos na ação e atuação prática curricular nas instituições públicas do país. Para que haja mudanças estruturais

profundas, com educação de qualidade, "(...) é preciso desencadear ações articuladas entre o Estado, a comunidade, as escolas e os diversos movimentos sociais" (GOMES, 2013, p. 57).

Ainda a respeito da contribuição da literatura marginal/periférica para a inclusão do aluno da periferia, que ao se sentir representado nessa escrita, possa se interessar mais por essa literatura, podemos citar outra "força" e/ou possibilidade, o fato de esse tipo de texto ser produzido por um igual, um autor que tem traços sociais comuns ao do leitor, o que faz com que o aluno se veja representado nessa literatura. É algo que estaria associado ao sentimento do leitor no "campo" da representação.

O escritor marginal tem um respaldo social, que

é legitimado por sua "força política", portanto, também social, uma vez que, como ratifica Patrício (2010, p. 54), "[...] quem melhor representa a periferia é o periférico". Aqui surge o sentido de identificação local e ideológico entre leitor e autor, o que poderia contribuir para a não resistência a esse tipo de literatura, e mais, poderia favorecer a aproximação pela sensação de pertencimento. Considerando os conteúdos e a forma de abordagem dos escritos de Ferréz e Cidinha, e outras possibilidades da literatura, é possível deduzir que as narrativas, além de colaborar para a formação de pessoas críticas e atuantes na sociedade, podem contribuir para a afirmação de uma identidade, no momento em que faz o leitor refletir sobre a sua realidade a partir do lugar a que pertence, levando-o a perceber que a desigualdade social, o preconceito, a pobreza e a violência policial têm origem em nosso passado histórico, em uma política colonialista de

exploração que aqui se instalou.

Possibilita também ao leitor pensar que não é vergonhoso ser o que é, o que não significa dizer que deve se conformar com a condição de pobreza e injustiça em que vive, mas de se perceber como pertencente a um lugar que pode ser mais bem entendido e, dessa maneira, visto de forma positiva. Ao compreender sua história, o discente periférico passa a gostar mais de si mesmo, aumentando sua autoestima e valorizando a sua cultura.

Nesse sentido, valorizar as culturas periféricas é reivindicar "essa outra cultura, inviabilizada e muitas vezes criminalizada pela cultura dominante" (REYES, 2013, p. 27). A criminalização da periferia, frequentemente, passa pela academia, a qual não possibilita espaços de discussão sobre a temática, ou quando há uma pequena abertura, percebemos acadêmicos falando da periferia e não com a periferia ou a partir dela.



PROFESSOR(A)

A sequência didática (SD), para o ensino de narrativas de reexistências e narrativas periféricas, foi pensada para atender aos professores da rede municipal de ensino de Caetité-BA na mediação pedagógica como prática educativa de ruptura formal. Optamos pela metodologia SD porque compreendemos a importância de que o trabalho seja adaptado segundo a realidade do discente. A ideia é que os docentes se apropriem da proposta de trabalho, fazendo as adaptações oportunas ao contexto do alunado.

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 108), as sequências didáticas “devem funcionar como exemplos à disposição dos professores.” Para os referidos pesquisadores, sequênciadidáticaé“umconjunto de atividades organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82). Ela foi pensada enquanto instrumento para contribuir com

atividades docentes, objetivando desenvolver a capacidade leitora e/ou escrita. Na visão dos autores, a sequência didática, se apoiando na capacidade de linguagem dos alunos, pode confrontá-los para produzirem reconstruções e apropriações. Essa ferramenta metodológica se configura em apresentação da situação, produção inicial e apropriação final.

Inicialmente, o docente apresentaria aos discentes a situação para que possa haver a identificação e uma resposta sequencial interativa, em seguida o professor proporcionaria uma produção oral ou escrita, em que possa haver um posicionamento do aluno partindo de seu conhecimento prévio. Nesse segundo momento, o docente faria um diagnóstico sobre habilidades, que os discentes dominam ou dominam de forma não satisfatória. O professor ainda poderá mediar, no sentido de superar lacunas observadas. Dessa intervenção, surgirá a produção, em que se poderá também desenvolver outras

construções. Essa possibilidade ocorre porque, para os autores supracitados, a estrutura da sequência didática é sempre flexível, permitindo ao docente fazer adaptações de acordo “as necessidades particulares dos diferentes grupos” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 93). Dessa forma, as sequências didáticas podem ser consideradas como roteiro de estudo e de planejamento e entendemos que a SD, aqui sugerida, está sujeita a alterações de acordo às realidades contextuais e necessidades dos professores e/ou alunos.

A partir das orientações dos autores citados acima sobre sequência didática, elaboramos a presente atividade prática para o ensino de narrativas de reexistências e narrativas periféricas, pensada também no intuito de incitar a discussão sobre a temática, possibilitando desconstruções e possibilidades de enfrentamento das violências epistêmicas e estruturais.

Objetivo geral

Colaborar com o ensino de narrativas de reexistências, narrativas periféricas e das não violências na educação básica por meio de práticas educativas de ruptura formal, baseadas na pedagogia engajada e transgressora para a elevação de estudos e aprendizados de respeito, justiça e valorização de obras ainda invisibilizadas na sociedade, proporcionando a criação de possíveis reexistências na escola pública e momentos de aprendizagens capazes de atenuar as violências sistêmicas no âmbito do município de Caetité.

Objetivos específicos

- Oportunizar momentos de escuta aos participantes;
- Estudar autores periféricos/marginais contemporâneos, que possibilitam refletir sobre a identidade;
- Estabelecer contato com literaturas periféricas/marginais, que sofreram práticas de invisibilidades em circuitos culturais e literários;
- Refletir sobre a importância dessas cartografias, em relação à perspectiva teórica de culturas híbridas, que não hierarquizam culturas;
- Efetivar momentos de reflexões e discussões sobre as temáticas propostas;
- Estimular as desconstruções de estereótipos e preconceitos de raça, gênero e social.

Metas

Colaborar com a reflexão e promoção de práticas de reexistências, das não violências e de valorização e respeito das narrativas periféricas por meio de oficinas pedagógicas.

Público alvo

Projeto direcionado aos discentes da rede de ensino em situação de vulnerabilidade social, especificamente os alunos do 9º ano da Escola Municipal Manuel Lopes Teixeira, moradores da periferia da cidade de Caetité-BA.

Oficinas

Promover espaços de reflexão e de formação com o ensino de narrativas de reexistências, narrativas periféricas e das não violências na educação básica por meio de práticas educativas de ruptura formal, baseada na pedagogia engajada e transgressora para a elevação de estudos e aprendizados de respeito, justiça e valorização de obras ainda invisibilizadas na sociedade e proporcionar ao alunado momentos de aprendizagens capazes de atenuar as violências sistêmicas no âmbito do município de Caetité.

OBJETIVOS: GERAL E
ESPECÍFICOS
METAS

PÚBLICO ALVO
OFICINAS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Literatura Contemporânea Periférica (as narrativas literárias)



“A CAPOEIRA NÃO VEM MAIS, AGORA REAGIMOS COM A PALAVRA, PORQUE POUCA COISA MUDOU, PRINCIPALMENTE PARA NÓS”.

(FERRÉZ, 2005, P.09)

OBJETIVOS:

- Oportunizar momentos de escuta aos participantes;
- Possibilitar visibilidade de narrativas periféricas e narrativas de reexistências
- Ampliar os estudos literários e a valorização do contraponto crítico;
- Refletir sobre a importância dessas narrativas, na perspectiva teórica de culturas híbridas, que não hierarquizam culturas;
- Trabalhar leitura e escrita com discentes da rede municipal de ensino.

CARGA HORÁRIA: Duas horas.

RECURSOS: serviço de comunicação por vídeo (Google Meet), datashow, slide, jogo literário da memória, caneta, caderno.

Importante considerar que é fundamental trabalhar as desconstruções sobre as literaturas hegemônicas, percebendo como uma vertente é valorizada em detrimento de outras, como essa ideia de valor é transferida para a prática curricular e se repercute na desvalorização e no apagamento da diversidade cultural. Por isso, é fundamental um roteiro de estudo, com sugestões e ideias pedagógicas, para a reflexão e o ensino das narrativas de reexistências e periféricas na rede Municipal de ensino, pensando em ajudar na reflexão sobre o processo de ocultação das diversas contribuições sociais e culturais pelo “saber” ocidental.

OBSERVAÇÃO: Cada oficina pedagógica terá diálogo inicial com a exposição dos objetivos de cada uma das oficinas, orientações e um resumo apresentando o panorama geral das atividades.

Apresentar o projeto de intervenção

01

Nesse primeiro momento, o projeto de intervenção será apresentado, utilizando o serviço de comunicação por vídeo (Google Meet) e abordando que se trata de uma ação de desdobramento da dissertação de mestrado profissional vinculada ao PPGELS. Terá uma conversa direcionada para sensibilização, falando sobre a situação vulnerável que se encontra o público da instituição escolar do município, ou seja, o discente periférico. Além disso, será abordada a importância de mediar a leitura com narrativas, que retratam contexto similar ao do aluno, como forma de motivação, o que promoverá encontros para escutar os docentes sobre o que pensam a respeito da temática proposta e a respeito da mediação leitora na escola pública, encontros para tirar dúvidas e ouvir sugestões de acréscimos para as oficinas.

02

O palestrante explica que serão três sequências didáticas com problematização de temática sobre os estudos literários: a criticidade e do contraponto crítico ao cânone; narrativas de reexistências e narrativas periféricas; como se dão as relações entre apagamento epistêmico e cultural de um determinado grupo na sociedade.

Apresentação da situação

03

O professor mediador fará a brincadeira do Jogo literário da memória. Seguirá a mesma regra do tradicional, a diferença é que o docente confeccionará peças, recortando quadrados de papel e a cada duas peças, poderá colar os títulos de obras literárias existentes na escola e de livros que a escola não possui (título e capa do livro Pare de nos matar da autora negra Cidinha e Ninguém é inocente em São Paulo), de livros chamados clássicos (Os três porquinhos, Chapeuzinho vermelho), de imagens de autores aqui trabalhados, espalhar as peças e iniciar o exercício de memória. A partir da atividade, incitar a discussão sobre as obras mais conhecidas e as não conhecidas, os tipos de literaturas, apresentar os autores e as obras de Cidinha e Ferréz.

04

Produção inicial

Momento em que cada aluno poderá se apresentar, seguindo a ordem da caderneta do professor, narrar sua experiência ou não de leitura (se gosta de ler, em caso positivo, dizer que tipo de livros, obra que mais marcou e, em caso negativo, perguntar por que não gosta de ler).

IMPORTANTE

Importante dizer que a intenção é proporcionar abertura e interação entre discentes e docente, sinalizar para a existência de diversas obras literárias, diversas culturas, além de possibilitar ao professor fazer diagnóstico da turma (gostos e possibilidades de identificações literárias), instigar a discussão sobre distinções literárias na instituição educacional, perceber a importância da visibilidade literária dos autores ainda não reconhecidos pela escola e perceber a necessidade de valorização da diversidade cultural.

05

Apropriação final

O professor estimula cada aluno, perguntando se já ouviram sobre narrativas de reexistência e periféricas. Desse momento, o discente sairá com a tarefa de pesquisar sobre as literaturas não apresentadas na escola e escrever uma narrativa de seu cotidiano.

PASSOS

1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

*A Periferia é nossa
(saraus nos bares)*



**NOSSA ARTE VEM DA DOR.
ELA NÃO FALA DOS
NEGROS, ELA FALA COM OS
NEGROS. NÃO FALA DOS
POBRES, FALA COM ELES.”
(SÉRGIO VAZ)**

Objetivos:

- Discutir as reexistências periféricas nas narrativas enquanto movimento insurgente e ocupador de um espaço por muito tempo negado;
- Pensar a identidade e a ocupação territorial (periferia), de escrita e poder, enquanto aspectos indissociáveis;
- Refletir sobre a periferia com um nova configuração, como espaço de resistência e de reexistência (novo quilombo urbano);
- Trabalhar leitura e produção escrita de discentes da rede municipal de ensino;
- Contribuir com a valorização da diversidade cultural, estimulando desconstruções de estereótipos e preconceitos sociais.

Carga horária: Duas horas.

Recursos:

Documentário, datashow, canetas, caderno.

Nessa segunda sugestão de atividade, a discussão converge para refletir a identidade cultural e realidades, desconstruindo alguns estereótipos sociais sobre periferia, mostrando a nova configuração trazida pelos autores de um circuito promovedor de resistência e reexistências.

Apresentação da situação

Iniciar com a motivação sobre o conceito de cultura da periferia e a construção social sobre ela. Em seguida, o docente faz uma dinâmica chamada de linha no centro da sala, na qual se divide a turma em dois lados e solicita que os alunos se aproximem e pisem na linha ao se identificarem com as seguintes perguntas: Quem aqui mora nesse bairro? Quem aqui gosta de residir no bairro? Quem aqui gostaria de se mudar do bairro? Quem aqui já sofreu alguma busca (baculejo) da polícia? Quem aqui já presenciou uma invasão policial? Quem aqui conhece alguém que foi morto no bairro? Quem aqui já sofreu algum tipo de violência? Quem aqui se acha bonito (a)? Quem aqui mudaria algo no bairro? Quem aqui conhece a história do bairro? Quem aqui gosta de estudar nessa escola? Concluir o momento instigando o diálogo sobre o que sentiram ao fazer a dinâmica, deixando que os discentes expressem suas impressões. O professor poderá falar sobre a origem dos cortiços, favelas e periferia após o fim da escravidão, sobre ausência de políticas públicas em localidades afastadas do centro, poderá conversar sobre a presença de movimento de superação, inspiração, de ato político e de promoção de reexistências na periferia, como Organizações não Governamentais (ONGs), saraus e associações comunitárias.

**Produção inicial**

Nesse momento, exibir o documentário Curta Saraus, o qual é um projeto que objetiva apresentar novos artistas e o movimento de saraus realizados em bares nas periferias das regiões do Copão, Campo Limpo e São Luís da cidade de São Paulo, trazendo para discussão temas, como cultura, arte e seu poder transformador.

Observação: O docente poderá lembrar que os bares da periferia, embora tenham sido pensados para outro propósito (o comércio de bebidas), se tornam, por meio dos saraus, espaços políticos, de afirmação das identidades, de enfrentamento e combate ao sistema que oprime ao negar, para essa população, determinados lugares de ocupação.

**Apropriação final**

O discente fará um resumo escrito ou oral, expondo ideias sobre aspectos positivos dos modos de vida, de expressões políticas e intervenções culturais nos bairros periféricos.



Importante dizer que, tanto nos saraus da periferia quanto nas narrativas, o que os autores periféricos parecem fazer é ocupar espaços, resignificando e desfocando esses espaços da concepção de periferia enquanto locais das ausências (saneamento básico, educação de qualidade, segurança) e falências, transformando em espaços de afirmação de pertencimento, perpassando pelas identidades, quebrando a ideia da hegemonia cultural para promover o aquilombamento, a resistência e a consciência de direitos a partir da perspectiva de luta, por meio da periferia e com a periferia, singularizando cada sujeito, sem perder de vista o sentido de coletividade. Isso é exatamente o que percebemos em autores (as) negros (as) contemporâneos (as) que insurgem, assumindo uma postura intelectual, literária e de atuação prática decolonial. “É preciso ir ao encontro da vida para buscar forças para resistir” (CARNEIRO, 2011, p. 84). As narrativas periféricas podem promover reexistências, como sinaliza Josélia Santos da Silva (2018) em sua dissertação de mestrado Margens: formas de resistência e reexistência, pois são “vozes que se empoderam e promovem o empoderamento de uma pluralidade de vozes que passaram ou passam pela experiência do Silenciamento.” (SILVA, 2018, p. 66).



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Cidinha da Silva e Ferréz



POR QUE EU ESCREVO?
POR QUE TENHO QUE
PORQUE MINHA VOZ
EM TODAS SUAS DIALÉTI-
CAS
FOI SILENCIADA
POR MUITO TEMPO
(JACOB SAM-LA ROSE)

Objetivos:

- Estudar a obra *Parem de nos matar* da autora negra Cidinha da Silva e o livro *Ninguém é inocente em São Paulo* do autor negro Ferréz, bem como a trajetória de ambos;
- Estabelecer contato com literaturas periféricas/marginais que sofreram práticas de invisibilidades em circuitos culturais e literários;
- Trabalhar leitura e produção de textos com discentes da rede municipal de ensino;
- Possibilitar a criação de possíveis reexistências na escola pública;
- Colaborar para atenuar as violências sistêmicas no âmbito do município de Caetité.

Carga horária: Duas horas.

Recursos:

Vídeos, datashow, canetas, papel, músicas, livros (*Parem de nos matar* e *Ninguém é inocente em São Paulo*).

A terceira SD, cujo tema é Cidinha da Silva e Ferréz, aborda as trajetórias dos autores aqui estudados e uma obra de cada um deles. A intenção é contribuir para a valorização e visibilidade dos referidos autores e suas narrativas por meio de atividades que envolvem leitura, reflexão e produção escrita/oral entre alunos. Além disso, visa cooperar para diminuir as violências diversas e para produzir possíveis reexistências entre discentes da rede municipal de ensino.

Apresentação da situação

O professor selecionará um texto do livro *Parem de nos matar* da autora Cidinha da Silva. A sugestão é escolher a narrativa *Quando a palavra seca*, a qual é uma das setenta e duas crônicas que compõem a obra. O corpus literário do livro aborda as variadas formas de racismo na sociedade, por exemplo, a morte cruel de Cláudia, uma jovem mulher negra da periferia do Rio de Janeiro, que foi baleada no pescoço por policiais e teve seu corpo arrastado pelas ruas da cidade. A autora teve a astúcia de tocar às consciências, fazendo enxergar além e mostrando ao leitor, de forma crítica, que todas as mulheres atravessadas pela tríade da opressão, de ser mulher, pobre, negra, dentro da conjuntura e das circunstâncias atuais do nosso país, não estão isentas de terem o destino igual ao de Cláudia.

O docente trabalhará a leitura, com contextualização do texto, sempre fazendo relação com os dias atuais. Poderá ainda fazer paradas estratégicas, quando a leitura, com discussão norteadora, sinalizar para realidades similares (mulher, negra, da periferia, violentada e morta), possibilitando ao aluno fazer relações e perceber similaridades sobre a tríade da opressão feminina no bairro. Quem são as mulheres do bairro? Elas sofrem opressões, violências, mortes iguais? Houve casos de mortes de mulheres no bairro/cidade? Somos mesmo todas Cláudias, como afirma a autora? É fundamental que o professor mediador faça abordagem sobre as violências e o racismo estrutural para com as populações negras, reforçando que as mulheres são as maiores vítimas desse sistema.

O professor mediador projeta no datashow slides com fotos e a trajetória de vida da autora Cidinha da Silva. O último slide será sobre a capa do livro *Parem de nos matar*. Nesse momento, o professor procura explorar o livro, instigando o aluno sobre o título e o desenho da capa, perguntando do que eles acham que essa obra literária trata e deixando que os alunos falem suas impressões sobre capa e título.

Exibir o vídeo *Cidinha da Silva lança livro no Aparelho Luzia em SP*, em que a autora fez o lançamento do livro *Parem de nos matar*, e apresenta as principais motivações para a escrita do livro. A obra possui textos sobre genocídio de jovens negros e a violência policial, possibilitando ao leitor pensar sobre as violências sistêmicas no país contra um grupo étnico e social.

Produção inicial

05

Em dupla, os discentes farão uma segunda e atenta leitura do texto Quando a palavra seca, selecionarão trechos que chamaram a atenção e em seguida farão exposição oral sobre impressões e reflexões sobre as posturas dos personagens.

06

O professor mediador apresenta, por meio de slides, a trajetória, fotos e a segunda obra literária Ninguém é inocente em São Paulo do autor Ferréz. O último slide será sobre a capa do livro citado. Nesse momento, o professor procura explorar o livro, instigando o aluno sobre o título e o desenho da capa, perguntando do que eles acham que essa obra literária trata e deixando que os alunos falem suas impressões sobre capa e título.

OBSERVAÇÃO

Além do retrato do cotidiano da favela, o racismo e as diversas outras violências estão na pauta principal de denúncia na produção de Reginaldo Ferreira da Silva (Ferréz), o qual é morador da periferia de São Paulo, escritor engajado e possui ligações com o movimento hip hop, militando de diferentes formas na periferia e escreveu muitas obras, como romances, contos, poesias.

07

O professor selecionará um texto do livro Ninguém é inocente em São Paulo do autor Ferréz. A sugestão é escolher a narrativa Fábrica de fazer vilão, que retrata a violência policial quando policiais invadem, sem distinção, uma residência e humilham família de trabalhadores. Situação similar vivida por diversas famílias de comunidades, que sofrem com abusos de autoridade policial. O tema violência, especialmente presente nas obras de Ferréz, gera impotência na comunidade que, muitas vezes, não sabe a quem recorrer quando vê seus direitos sendo violados pela força operadora oficial do Estado.

08

O docente iniciará contando a seguinte narrativa: Policiais, em perseguição a ladrões, acabam invadindo a moradia errada e arrombam a porta da residência de uma família de trabalhadores, o que acaba causando uma situação problemática para os membros. O pai e a mãe passam mal e um dos filhos, que com o susto, ao tentar fugir, é atingido por uma bala na perna. Depois de perceberem o erro grotesco, a polícia sai da residência a procura do verdadeiro ladrão, não antes de dirigir ameaças à família, caso fossem denunciados.

Apesar de fictícia, essa narrativa, infelizmente, se tornou algo habitual nas comunidades periféricas. O que mais assusta é a naturalização dessa realidade na sociedade.

09

O mediador trabalhará a leitura, com contextualização do texto, sempre fazendo relação com os dias atuais. Poderá ainda fazer paradas estratégicas, quando a leitura, com discussão norteadora, sinalizar para realidades similares (abuso de autoridade, família negra da periferia, violência), possibilitando ao aluno fazer relações e perceber similaridades nas vivências do bairro. Quais residências são invadidas? Quem sofre esse tipo de violência? Houve casos assim no bairro/cidade? É fundamental que o professor mediador faça abordagem sobre as violências e o racismo estrutural para com as populações negras nessas localidades.

10

Apropriação final

Os discentes, agora individualmente, farão uma segunda e atenta leitura do texto *Fábrica de fazer vilão* e em seguida farão comentário oral sobre impressões do texto lido.

11

O docente fará a brincadeira *Quem disse isso?* Essa dinâmica ajudará na concentração da leitura e na estimulação da memória. O mediador seleciona trechos do texto *Fábrica de fazer vilão* e *Quando a palavra seca*, lê em voz alta o fragmento escolhido e pede ao aluno para lembrar de qual texto é aquele fragmento e qual personagem está presente. O professor oferecerá um bombom ao discente que conseguir mais acertos.

OBSERVAÇÃO

Podemos afirmar que o escritor negro Ferréz e a escritora negra Cidinha da Silva narram em seus textos as questões raciais, os acontecimentos e os enfrentamentos diários, assumindo um olhar crítico sobre o papel da literatura.

RESULTADOS ESPERADOS

Impulsionar percepções sobre a existência de diversas literaturas, além da canônica, dando visibilidades a essas obras. Possibilitar o conhecimento de si e de seus pares, enquanto potenciais apropriadores de mudanças de sua própria história.

Expectativas das atividades: Ampliar percepções dos sujeitos envolvidos sobre as nuances na sociedade, distinguindo realidades a partir de leituras.

Divulgação Dos Resultados

Serão registrados materiais, documentos impressos e fotográficos para operacionalizar pesquisadores em produções e publicações diversas.

AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Essas oficinas buscam desenvolver a prática em escrita e produção de texto a partir das narrativas de si, as experiências e histórias cotidianas vividas nas estradas da vida. As ações acontecem de maneira orgânica durante o projeto, sendo que, os participantes serão instigados a registrarem de maneira verbo-imagética todas as experiências, sensações, pensamentos suscitados (percepções e afetos).

AValiação

A avaliação será processual e contínua, possui caráter formativo e reflexivo, que levará em consideração a participação dos envolvidos em todas as fases de realização do projeto. Por possuir característica permanente, a avaliação se dará também pelo acompanhamento das influências das atividades, por exemplo, o cotidiano dos sujeitos envolvidos. Essa combinação de instrumentos poderá medir, de forma mais assertiva, diversos aspectos da aprendizagem.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

_____. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 339 f. Tese de doutorado. Orientador: Roseli Fischmann. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CIDINHA DA SILVA LANÇA LIVRO NO APARELHA LUZIA EM SP. 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Jornalistas Livres. Disponível em: <https://youtu.be/tuCHqcGZF14>. Acesso em: 10 set. 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/scielo.php?pdf>>. Acesso em: 04 set. 2020.

COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonato; GROSFUGUET, Ramon. (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CURTA SARAUS. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal David Alves. Disponível em: <https://youtu.be/7FyCf1CrFcl>. Acesso em: 10 set. 2020.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução Roxane Rojo e Gláís S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FERRÉZ. Literatura marginal: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. Ninguém é inocente em São Paulo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1999.

hooks, bell. "Intelectuais Negras". Estudos Feministas. Rio de Janeiro, IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v. 3, n. 2, p. 464-469, 1995.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade, geopolítico do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente: 'um discurso sobre as ciências' revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-709.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Relator: Roberto Cláudio Frota Bezerra. Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / SECRETARIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: **SECAD, 2006. 262 p.**

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. "Literatura marginal": os escritores de periferia entram em cena. Orientador: Júlio Assis Simões. 2006. 203 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

REYES, Alejandro. Vozes do porão: a literatura periférica/marginal do Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SILVA, Cidinha da. #Parem de nos matar!. São Paulo: Ijuma, 2016.

SILVA, Josélia Santos da. Margens: Formas de resistência e reexistência. Orientador: Roberto Henrique Seidel. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural Pós-crítica) - Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2018.

SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Tradução Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TORRES, Nelson Maldonato. Transdisciplinaridade e decolonialidade. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

